

Algumas reflexões acerca do conceito oswaldiano de antropofagia no filme “Macunaíma”

Wallace Andrioli Guedes*

RESUMO: Artigo que busca analisar a reapropriação do conceito de antropofagia, cunhado por Oswald de Andrade no contexto do movimento modernista brasileiro, na década de 1920, pelo cineasta Joaquim Pedro de Andrade ao realizar seu mais importante filme, *Macunaíma*, adaptação da rapsódia modernista de Mário de Andrade.

Palavras-chave: Antropofagia; Oswald de Andrade; *Macunaíma*.

Introdução

O presente trabalho trata do conceito de antropofagia, cunhado por Oswald de Andrade na década de 1920, no contexto do movimento modernista brasileiro, a partir da nova forma que esse conceito adquire em sua apropriação¹ na década de 1960 pelo cineasta Joaquim Pedro de Andrade, ao realizar seu mais celebrado filme, *Macunaíma*, adaptação para o cinema da rapsódia modernista de Mário de Andrade.

É fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa a busca pela compreensão dos diálogos propostos por Joaquim Pedro de Andrade entre a antropofagia e o contexto em que o filme *Macunaíma* é produzido, uma vez que a utilização desse conceito no interior de sua narrativa é ostensivo, e diverso daquela originalmente pensada por Oswald de Andrade em seu *Manifesto Antropófago*. Como aponta Ismail Xavier, “(...) *Macunaíma*-filme elege (...) a antropofagia como princípio de interação entre as personagens, regra da sociedade. Ela aparece, portanto, como núcleo temático de seu discurso sobre a barbárie moderna (entenda-se, o capitalismo num país periférico)” (XAVIER, 1993:150).

Xavier dá aqui uma primeira dica do caráter assumido pela antropofagia em *Macunaíma*, mais ligado à crítica da realidade sócio-econômica brasileira do que à crítica cultural que caracteriza a prática modernista, mas é preciso ir além. É preciso compreender as minúcias do novo conceito de antropofagia pensado por Joaquim Pedro de Andrade e é preciso compreender onde o cineasta busca os elementos que constituirão esse conceito.

Deve-se, no entanto, levar-se em conta que tratamos aqui de nomes, obras e conceitos fundamentais da cultura brasileira recente: Oswald de Andrade, “arauto da Semana de Arte Moderna de 1922”² “dos nossos modernistas, aquele que mais intimamente comungou do

espírito inquieto das vanguardas européias”³, “pai” da antropofagia, conceito que foi o “ápice ideológico [da primeira década do modernismo], o primeiro contato com a nossa realidade política porque dividiu e orientou no sentido do futuro”⁴ (nas palavras do próprio Oswald), poeta, ensaísta, romancista, filósofo e dramaturgo; Mário de Andrade, modernista de igual importância, autor de *Macunaíma*, obra-símbolo do movimento da década de 1920; e Joaquim Pedro de Andrade, um dos grandes nomes do Cinema Novo, “o perfeccionista, o intimista, o construtor”⁵, cineasta responsável não só pela clássica adaptação para o cinema da rapsódia de Mário de Andrade mas também por filmes essenciais do movimento “cinemanovista” como *Garrincha*, *Alegria do Povo*, *O Padre e a Moça* e *Os Inconfidentes*. Tendo isso em mente, seria de se esperar o grande número de estudos já realizados acerca desses nomes e de suas obras.

Só Joaquim Pedro de Andrade, o menos estudado dos três, teve sua obra de alguma forma analisada por pesquisadores como Heloísa Buarque de Hollanda, Ivana Bentes, Ismail Xavier, Robert Stam e Randal Johnson.

Dito isto, poderia-se questionar qual seria a valia de um novo trabalho sobre *Macunaíma*, o que uma nova pesquisa sobre o filme poderia trazer de novo? O ponto central para a resposta dessa questão está no foco a ser adotado na presente pesquisa. Mais do que analisar o filme em si, ou comparar o livro com sua versão cinematográfica, o que se busca aqui é compreender um conceito, a antropofagia, na forma como ele foi apropriado por Joaquim Pedro de Andrade para compor a narrativa de seu filme, levando-se em conta a grande importância da antropofagia para a total compreensão das intenções e do discurso de *Macunaíma*. E, para levar isso a cabo, faz-se mister promover uma análise histórica do conceito estudado, ou seja, historicizar a antropofagia, algo que foi, no máximo, indicado pelos autores até aqui citados.

1. Historicizando o conceito de antropofagia: de Oswald a Joaquim Pedro

Historicizar a antropofagia, torná-la um conceito no tempo, faz com se abra diante do pesquisador a possibilidade de um diálogo que tende a se revelar extremamente profícuo: o diálogo com os escritos do historiador alemão Reinhart Koselleck, acerca do que ele denomina história dos conceitos. Para Koselleck,

“(...) Exatamente quando se focaliza a duração ou a transformação dos conceitos sob uma perspectiva rigorosamente diacrônica, a relevância histórica e social dos resultados cresce. Por quanto tempo permaneceu inalterado o conteúdo suposto de determinada forma lingüística, o quanto ele se alterou, de modo que, ao longo do tempo, também o significado do conceito tenha sido submetido a uma alteração histórica? É apenas por meio da perspectiva diacrônica que se pode avaliar a duração e o impacto de

um conceito social ou político, assim como das suas respectivas estruturas. As palavras que permaneceram a mesma não são, por si só, o indício suficiente da permanência do mesmo conteúdo ou significado por elas designado.”⁶

O estudo da história do conceito de antropofagia, então, se torna apto à aplicação da metodologia da história dos conceitos de Koselleck, sendo capaz até de, em certa medida, enriquecer ainda mais a proposta do historiador alemão, uma vez que a antropofagia, enquanto conceito, extrapola a restrição apontada por Koselleck referente apenas aos estudos de conceitos sociais ou políticos: antropofagia, conceito que, nas palavras de Oswald de Andrade, nos une socialmente, economicamente e filosoficamente; única lei do mundo⁷.

Mas no que consiste, propriamente, essa metodologia da história dos conceitos? Metodologia autônoma da pesquisa social e histórica⁸, baseada nas análises sincrônica e diacrônica do(s) conceito(s) estudado(s). Nas palavras do próprio historiador,

“Tal procedimento [a análise sincrônica] parte do princípio de traduzir significados lexicais em uso no passado para a nossa compreensão atual. A partir da investigação de significados passados, tanto a história dos termos quanto a dos conceitos conduz à fixação desses significados sob a nossa perspectiva contemporânea. Enquanto esse procedimento da história dos conceitos é refletido metodologicamente, a análise sincrônica do passado é completada de forma diacrônica. A redefinição científica de significados lexicais anteriores é um dos mandamentos básicos dos estudos diacrônicos.

Essa perspectiva metodológica, operacionalizada ao longo das épocas, acaba por se transformar, também no que diz respeito ao conteúdo, em uma história do respectivo conceito ali abordado.”⁹

Torna-se então mais claro para onde a presente pesquisa deve caminhar. Analisar sincronicamente a antropofagia é um primeiro passo, ou seja, apresentar a antropofagia em seu significado primeiro (partindo-se aqui, obviamente, do conceito criado por Oswald de Andrade, não buscando uma história anterior do conceito), ligado ao movimento modernista brasileiro da década de 1920. Esse é o ponto de partida, o marco delimitador do início da pesquisa. Nesse sentido, ser antropófago é

“(…) ser tupi, é voltar às origens do homem primitivo, devorando e assimilando sua cultura. Por isso a antropofagia é um ritual que deve ser entendido no nível da valorização que lhe dava o índio, no sentido de comer para assimilar as qualidades do guerreiro ou da pessoa morta. Na paródia de Hamlet[‘tupi or not tupi, that's the question’¹⁰], portanto, não se coloca a dúvida, mas uma justificativa de escolha, pois entre ser ou não (tupi) a opção é pelo primeiro. O não ser implica a aceitação da cultura importada, contra a qual Oswald lança o verbo. Implica aceitar a ‘catequese’ da ‘raça superior’ que impôs ao índio brasileiro, ao índio da América, sua moral repressora, castrando sua cultura, ‘vestindo suas vergonhas’.”¹¹

Essa é a antropofagia oswaldiana dos anos 20, pensamento renovador, de inspirações múltiplas e fragmentárias (Nietzsche, Freud, Marx, Montaigne, Bachofen, Levy-Bruhl, Keyserling etc.)¹², conceito profundamente contestador e subversivo da realidade sócio-cultural brasileira, que buscou, nas palavras de Randal Johnson e Robert Stam, a criação de uma cultura nacional genuína, através da consumação e da reelaboração crítica tanto da cultura nacional quanto das influências estrangeiras¹³. “Só me interessa o que não é meu. Lei

do homem. Lei do antropófago”¹⁴, diz Oswald de Andrade em determinada passagem do *Manifesto Antropófago*. “Contra o mundo reversível e as idéias objetivadas. Cadaverizadas. O stop do pensamento que é dinâmico. O indivíduo que é vítima do sistema. Fonte das injustiças clássicas. Das injustiças românticas (...)”¹⁵, continua o escritor. O antropófago devora o que não é seu, o estrangeiro, para digerí-lo e devolvê-lo sob uma nova forma, marcada pelo primitivismo.

Nascida no auge das vanguardas estéticas, no seio do movimento modernista brasileiro, dotada de um caráter fortemente contestador, destruidor do status quo, de toda uma cultura que oprime e escraviza. Essa é a antropofagia de Oswald de Andrade, em sua atuação junto ao movimento modernista da década de 1920.

Compreender a antropofagia no filme *Macunaíma* é o objetivo final da pesquisa, o marco delimitador de até onde esta irá. Parte-se então para a análise diacrônica do conceito, ou seja, “a redefinição científica de significados lexicais anteriores”. *Macunaíma* foi produzido em fins da década de 1960, lançado nos cinemas no ano de 1969. Contexto de embrutecimento regime militar, com o lançamento do Ato Institucional número 5, em 13 de dezembro de 1968, mas também de notável efervescência cultural. A década de 1960 foi a década do Teatro Oficina, do Teatro de Arena, do Tropicalismo e do Cinema Novo, entre outros movimentos artístico-culturais que surgiram no país. É também o período da consolidação da indústria cultural no Brasil, período em que principalmente a TV, cuja primeira transmissão no país ocorreu em 1950, se fortalece enquanto principal meio de comunicação dos brasileiros. Será através do diálogo com esse contexto político/cultural que Joaquim Pedro de Andrade irá reapropriar-se da antropofagia oswaldiana. Segundo Stam, em *Macunaíma*

“(...) o tema [da antropofagia] é utilizado para fazer uma crítica da repressão e do modelo predatório do capitalismo que estava no centro do 'milagre econômico' brasileiro. (...) Dos dois pólos da metáfora do canibalismo, *Macunaíma* dá ênfase ao negativo, pois explora o motivo antropofágico para expor a estrutura de classe predatória da sociedade brasileira”¹⁶

Mas pode-se ir além. A utilização da antropofagia no filme se dá em diversos níveis, que leva, conseqüentemente, a diversas interpretações e intenções por parte de Joaquim Pedro. Torna-se de fundamental importância, então, investigar esses diferentes níveis, buscar compreender de que maneira a prática antropofágica se presta para, por exemplo, a crítica ao regime militar propriamente dito, explícita (ainda que em formas alegóricas) em determinados momentos da narrativa, ou à condição de subdesenvolvimento do Brasil, ou ao capitalismo em geral, especialmente no que concerne à sua inserção nos países de terceiro mundo, ou ao próprio comportamento do brasileiro diante da realidade etc. Além disso, faz-se mister levar-

se em conta o processo de adaptação da rapsódia modernista para o cinema, conduzido por Joaquim Pedro, processo esse também a ser considerado como uma prática antropofágica.

A antropofagia oswaldiana de 1928 como marco inicial e a antropofagia de Joaquim Pedro de Andrade de 1969 como marco final da pesquisa não bastam para compreender a nova forma assumida pelo conceito no filme *Macunaíma*, muito menos para contemplar a pretensão de historicizar a antropofagia. Sendo assim, faz-se importante a análise de outras formas assumidas pelo conceito nesse ínterim, quais sejam: a retomada da antropofagia pelo próprio Oswald de Andrade nos seus escritos finais, especialmente *A Crise da Filosofia Messiânica*¹⁷, *O Antropófago*¹⁸ e *A Marcha das Utopias*¹⁹, na década de 1950; a redescoberta de Oswald pelo movimento tropicalista na década de 1960, contemporaneamente ao filme de Joaquim Pedro, movimento com o qual o cineasta estabelece um diálogo profícuo, mas bastante crítico, em *Macunaíma*.

3. Alguns apontamentos acerca da relação do filme “Macunaíma” com o tropicalismo

Como brevemente apontado acima, com *Macunaíma*, Joaquim Pedro de Andrade acabou inserindo-se em um “movimento” bem mais amplo realizado naquela segunda metade da década de 1960, um “movimento” de recuperação do pensamento de Oswald de Andrade e, mais especificamente, de seu conceito de antropofagia. Ao seu lado, com imenso destaque, estaria a chamada Tropicália, movimento iniciado, em certa medida, nas artes plásticas por Hélio Oiticica, mas que ganharia força e projeção a partir principalmente de seus desdobramentos musicais, que teriam como figuras centrais Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa, Tom Zé e Os Mutantes, entre outros.

Não demoraria muito, o tropicalismo se estenderia também para o cinema – na realidade, segundo Caetano Veloso (talvez o maior líder da Tropicália), o cinema foi um grande inspirador do movimento, graças, principalmente, ao filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, lançado em 1967 e que fazia uma profunda revisão do papel do intelectual de esquerda nas sociedades subdesenvolvidas e criticava duramente a opção pelo chamado populismo (que, no Brasil, seria representado pela figura de João Goulart, e que teria sido incapaz de realizar as mudanças necessárias ao país, levando ao golpe militar de 1964). Nas palavras do próprio Caetano: “Se o tropicalismo se deveu em alguma medida a meus atos e minhas idéias, temos então que considerar como deflagrador do movimento o impacto que teve sobre mim o filme *Terra em Transe*, de Glauber Rocha, em minha temporada carioca de 66-7”(VELOSO, 1997, p. 99).

De qualquer forma, num momento pós-1968 (logo, pós-AI-5), em que o tropicalismo já havia se consolidado como movimento artístico-cultural no país, uma série de filmes feitos sob um ideal próximo aos de Caetano Veloso e cia. foram lançados. Geralmente seriam citados aqui filmes como *Brasil Ano 2000*, de Walter Lima Jr., *Pindorama*, de Arnaldo Jabor, *Como Era Gostoso o Meu Francês*, de Nelson Pereira dos Santos e, principalmente, *Macunaíma*.

Pois bem, algo que esta pesquisa busca aprofundar mais é justamente essa relação do filme de Joaquim Pedro de Andrade com o movimento tropicalista, no sentido de problematizá-la. É fato que tanto *Macunaíma* quanto o tropicalismo recuperam Oswald de Andrade e a antropofagia, mas, ao menos se seguirmos algumas afirmações do cineasta em entrevistas, os usos desse conceito são distintos, com intencionalidades distintas, e com resultados também distintos. Mesmo analisando puramente o filme, percebe-se isso. Mais do que um elogio à antropofagia, ao ato de devoração que uma cultura exerce sobre as outras diversas culturas que a cercam, *Macunaíma*-filme, como apontado brevemente em outro momento do texto, fala especialmente da antropofagia do capitalismo, da devoração dos subdesenvolvidos pelos poderosos. Por outro lado, parece também claro que há aproximações com o tropicalismo sim, na estética e na linguagem utilizadas por Joaquim Pedro.

Ou seja, essa é uma relação a ser problematizada e analisada meticulosamente, que é o foco que essa pesquisa vem assumindo como principal, à medida em que o contato com as fontes vai aumentando.

Conclusão

O que buscou-se nesse breve artigo foi apresentar uma pesquisa que ainda encontra-se em seu início, mas que, inevitavelmente, gera em quem a realiza ambições e objetivos múltiplos, devido à riqueza do assunto tratado e dos artistas que o protagonizam. Nesse sentido, alguns objetivos acabam surgindo, mesmo que, ao fim da pesquisa, estes não venham a ser completamente cumpridos.

O mais claro e fundamental deles diz respeito, como indicado até aqui, à compreensão dos elementos que, provenientes de diferentes matrizes (a antropofagia oswaldiana da década de 1920, sua retomada pelo próprio filósofo nos anos 1950 e sua apropriação pelo movimento tropicalista), compõem o conceito de antropofagia que surge no filme *Macunaíma*. Esse será o esforço primordial dessa pesquisa, o debruçar sobre essas diferentes matrizes para a compreensão desses diversos elementos, historicizando, assim, o conceito de antropofagia.

Historicizar a antropofagia leva-nos à busca pela compreensão de tal conceito na concepção de Joaquim Pedro de Andrade, e à compreensão, por conseguinte, da constituição de uma visão acerca da cultura e da identidade brasileiras no discurso construído pelo cineasta em seu filme.

Mas, o envolvimento com o cinema de Joaquim Pedro de Andrade e com as obras de Oswald de Andrade e Mário de Andrade acabam levando, quase que inevitavelmente, a outros dois objetivos que, ainda que de forma muitas vezes implícita, perpassam os esforços dessa pesquisa: o primeiro, diz respeito ao apontamento da antropofagia como um conceito de caráter profundamente atual e dinâmico. Um conceito ainda fascinante, porque rico e multifacetado (como mostram os textos da professora Sônia Lino²⁰ e de Eugênio Bucci²¹, ambos tratando das possibilidades de apropriação de tal conceito também pela indústria cultural, sendo esvaziado de seu caráter contestador), capaz de abrir um leque imenso de possibilidade àquele que ousar devorá-lo, digerí-lo, e colocá-lo novamente em uso. O filme *Macunaíma* talvez seja o melhor exemplo, ao lado do Tropicalismo, desse dinamismo da antropofagia.

Já o segundo, diz respeito às possibilidades para as quais *Macunaíma* aponta de produção de um cinema crítico, contestador, ou mesmo engajado, no Brasil, sem necessariamente ser carregado em elementos aborrecidos ou em uma prática excessiva vanguardista, pouco dialogando tanto com as realidades social, política, econômica e cultural do país quanto, principalmente, com o público de cinema. *Macunaíma*-filme foi talvez o primeiro verdadeiro sucesso de público do Cinema Novo brasileiro, ao mesmo tempo que foi aclamado pela crítica e premiado em diversos festivais²², não tendo portanto que, para isso, abrir mão de um comportamento subversivo, de uma estética arrojada e de uma narrativa altamente crítica.

* Mestrando em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

¹ Procura-se aproximar aqui do conceito de apropriação de CHARTIER, Roger. A História Cultural entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990., segundo o qual “a apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem”.

² FONSECA, Maria Augusta. Oswald de Andrade: o homem que come. São Paulo, Brasiliense, 1982. p. 10.

³ NUNES, Benedito. Oswald Canibal. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979. p. 11.

⁴ ANDRADE, Oswald de. Apud: FONSECA, Maria Augusta. op.cit. p. 58.

⁵ BENTES, Ivana. Joaquim Pedro de Andrade: a revolução intimista. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996. p. 21.

⁶ KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, 2006. p. 105.

⁷ ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: A Utopia Antropofágica. Obras completas. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1995. p. 47.

- 8 KOSELLECK, Reinhart. op.cit., p. 114.
 9 Idem, pp. 104-105.
 10 ANDRADE, Oswald de. op. cit.
 11 FONSECA, Maria Augusta. op. cit., p. 55.
 12 LINO, Sonia Cristina. Modernismo brasileiro e mídias audiovisuais. Texto apresentado no 50º Congresso da Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais (FLACSO), Equador, Quito, 2007.
 13 JOHNSON, Randal & STAM, Robert. op. cit.
 14 ANDRADE, Oswald de. op. cit.
 15 Ibidem, pp. 48-49.
 16 STAM, Robert. op. cit., p. 433.
 17 ANDRADE, Oswald de. A Crise da Filosofia Messiânica. In: A Utopia Antropofágica. pp. 101-147.
 18 ANDRADE, Oswald de. O Antropólogo. In: Estética e Política. pp. 233-284.
 19 ANDRADE, Oswald de. A Marcha das Utopias. In: A Utopia Antropofágica. pp. 161-209.
 20 LINO, Sonia. op. cit.
 21 BUCCI, Eugênio. (org.) A TV aos 50. São Paulo, Perseu Abramo, 2000.
 22 *Macunaíma* ganhou, entre outros, os prêmios de melhor ator, melhor roteiro, melhor argumento, melhor cenografia e melhor ator coadjuvante no Festival de Cinema de Brasília de 1969, melhor filme do Festival de Cinema de Marília, em São Paulo, melhor ator e melhor fotografia no I Festival de Cinema de Manaus, em 1969, e melhor filme do Festival de Mar del Plata, Argentina, também em 1969. In: BENTES, Ivana. op.cit.

Bibliografia:

- ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. Só a antropofagia nos une. In: MATO, Daniel. (coord.) Estudios y otras prácticas intelectuales latinoamericanas em Cultura y Poder. Caracas: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales (CLACSO) y CEAP, FACES, Universidad Central de Venezuela.
- ANDRADE, Mário de. Macunaíma. 23 ed. Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1986.
- ANDRADE, Oswald de. A Utopia Antropofágica. Obras completas. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1995.
- _____. Estética e Política. Obras completas. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1992.
- BAKHTIN, Mikhail. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. Brasília, Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BENTES, Ivana. Joaquim Pedro de Andrade: a revolução intimista. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996.
- BUCCI, Eugênio. (org.) A TV aos 50. São Paulo, Perseu Abramo, 2000.
- CHARTIER, Roger. A Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude. Porto Alegre, Editora Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.
- _____. A História Cultural entre práticas e representações. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1990.
- DOMINGUES, Beatriz Helena & LINO, Sonia. Oswald de Andrade: utopia antropofágica e espiritualidade. In: AMARAL, Leila & GEIGER, Amir. In Vitro, In Vivo, In Silicio: ensaio sobre a relação entre arte, ciência, tecnologia e o sagrado. São Paulo: CNPq/Pronex/Attar Editorial, 2008.
- FAVARETTO, Celso. Tropicália alegoria alegria. São Paulo, Ateliê Editorial, 1995.
- FONSECA, Maria Augusta. Oswald de Andrade: o homem que come. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. Macunaíma: da literatura ao cinema. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora e Embrafilme, 1978.

-
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.
- JOHNSON, Randal & STAM, Robert. Brazilian Cinema. Austin, Texas, University of Texas Press, 1988.
- JOHNSON, Randal. Literatura e cinema: Macunaíma do modernismo na literatura ao Cinema Novo. São Paulo, T.A. Queiroz, 1982.
- KOSELLECK, Reinhart. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro, Contraponto Editora, 2006.
- LINO, Sonia Cristina. Modernismo brasileiro e mídias audiovisuais. Texto apresentado no 50º Congresso da Faculdade Latinoamericana de Ciências Sociais (FLACSO), Equador, Quito, 2007.
- MARTONI, Alex Sandro. Macunaíma e a experiência de vanguarda no modernismo literário e no Cinema Novo. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2006.
- MOTA, Carlos Guilherme. Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974). São Paulo, Editora Ática, 1994.
- NAPOLITANO, Marcos. Cultura Brasileira: Utopia e massificação. (1950-1980). São Paulo, Contexto, 2001.
- NUNES, Benedito. Oswald Canibal. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979.
- ORTIZ, Renato. Cultura Brasileira & Identidade Nacional. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- RAMOS, Alcides Freire. Canibalismo dos Fracos. São Paulo, EDUSC, 2001.
- RIDENTI, Marcelo. Em Busca do Povo Brasileiro: Artistas da revolução, do CPC à era da TV. Rio de Janeiro, Record, 2000.
- SHOHAT, Ella & STAM, Robert. Crítica da Imagem Eurocêntrica. São Paulo, Cosac & Naify, 2006.
- STAM, Robert. Subversive Pleasures: Bakhtin, cultural criticism and film. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1989
- _____. Bakhtin: da teoria literária à cultura de massas. São Paulo, Editora Ática, 1992.
- VELOSO, Caetano. Verdade Tropical. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- XAVIER, Ismail. Alegorias do subdesenvolvimento. São Paulo, Brasiliense, 1993. p. 150.

ABSTRACT: Article that looks into the appropriation of the concept of anthropophagy, created by Oswald de Andrade in the context of the Brazilian modernist movement, in the 20's, by the filmmaker Joaquim Pedro de Andrade, on the making of his most important film, *Macunaíma*, adaptation of Mario de Andrade's modernist rhapsody.

Key-Words: Anthropophagy; Oswald de Andrade; Macunaíma.

